

Bi@ - Biblioteca do Instituto de Artes UNESP

Arte Africana e Afro-Brasileira em sala de aula



AULA 1

Yinka Shonibare

Como explodir duas cabeças de uma vez

2006

Prof^a Renata Ap. Felinto dos Santos
Grupo de Pesquisa “Barroco Memória Viva”

Introdução

- A partir da Lei 10.639/03, que obriga o ensino sistemático da História das Culturas Africanas e Afro-Brasileira em sala de aula, as Artes Plásticas, passam a ser uma das protagonistas na transmissão da cultura afrodescendente às gerações em formação.
- As Artes Plásticas devem introduzir a produção artística, até então chamada de “afro-brasileira”, como construtora de “fazeres” e “saberes”.
- Em vez de separar a produção de artistas africanos ou afrodescendentes ou que se dedicam/ dedicaram a essa temática em um mês ou uma aula separada, por exemplo, por ocasião do mês da Consciência Negra, propõem-se aqui uma forma integrativa de ensinar Artes Visuais com tais características.

Arte e artistas africanos

- “‘A poesia é indispensável. Se ao menos eu soubesse para quê...’ Com este encantador e paradoxal epigrama, Jean Cocteau resumiu ao mesmo tempo a necessidade da arte e o seu indiscutível papel no atual mundo burguês”. (E. FISCHER, 1979).
- O conceito de arte é europeu, notadamente grego, período clássico, mas o fazer artístico diz respeito a todos os povos do mundo, a diferença é que os mesmos não tiveram a necessidade de conceituar a produção estética realizada e de classificar cada transformação estética.
- Assim, a arte produzida no continente africano é denominada tradicional, quando se refere aos povos tradicionais grupos culturalmente diferenciados, que possuem formas próprias de organização social.

- “Esses grupos ocupam e usam, de forma permanente ou temporária, territórios tradicionais e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. Para isso, são utilizados conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (<http://www.mds.gov.br>).
- Neste caso encontramos o emprego de materiais como ferro, madeira, pele animal, fibras vegetais, miçangas, pigmentos naturais, vidro, cerâmica, dentre outros.
- Tais objetos podem ser produzidos para fins cotidianos, comemorativos, reais ou espirituais. Serão apresentadas algumas sugestões ao longo do nosso encontro.
- Já a arte produzida a partir da incorporação de conceitos ocidentais herdados do período clássico, chamamos de contemporânea.

- Como arte contemporânea encontramos artistas que vivem dentro e fora do continente africano.
- Ela desponta a partir de 1980 e há um inteligente diálogo entre a produção de arte tradicional como matriz para se pensar a produção de arte contemporânea.
- Raramente os artistas contemporâneos centram as suas atenções na produção artística meramente conceitual/visual. Pós-colonialismo, independência dos países africanos, política, história, gênero, transnacionalismo, cosmopolitismo, imigração, diversidade, estética, são caros temas entre os artistas africanos de hoje.
- O Brasil apresentou em 2013, uma importante exposição de arte contemporânea africana, sob a curadoria de Fernando Alvim (“Transit”). Entretanto, ainda é pouco se comparada à visibilidade dessa produção em outros lugares do mundo.

Artistas negros brasileiros ou afro-brasileiros

- Estes artistas, em quase todos os casos, não se autodenominam como produtores de arte afro-brasileira, quem o fez foi a crítica de arte (M. ZANINE, 1989) e (E. ARAUJO, 1988), dentre outros como K. MUNANGA e M. E. L. SALUM.
- Portanto, é importante considerar a pesquisa pessoal e poética de cada um ao apresentá-los aos alunos, focando biografias, temas e técnicas de interesse, trajetória artística, demais artistas com os quais dialogam.
- O ideal é incluí-los nas escolas/ movimentos artísticos que são estudados em sala de aula. Desta forma, o Encontro com Professores de hoje terá esse foco de apresentar e de sugerir formas de abordagens junto aos alunos.

Estrutura

- Biografias dos artistas ou produções artísticas.
- Escolas e/ ou movimentos artísticos e artistas com os quais se relacionam.
- Sugestões de abordagem.

- A maior parte de obras de arte tradicional africana encontra-se em museus externos ao continente.
- “(...) os acervos de museus etnológicos europeus não são coleções de mercadoria receptada. Os objetos foram legalmente comprados ou trocados na África, adquiridos de coleções científicas ou por membros de museus em viagens de pesquisa científica, com anuência de pessoas das respectivas culturas” (P. JUNGE, 2004).
- “(...) nas culturas tradicionais da África , as obras de arte não foram criadas com vistas a elas mesmas, mas somente seriam compreensíveis a partir de seu fundo religioso ou social. (...) de acordo com essa tese, objetos artísticos africanos são, em primeiro lugar, relato da história da cultura – inclusive da História da arte – de uma determinada civilização”. (idem).

- Após a tomada do reino do Benim pelos ingleses (1897), foram encontradas pelo pesquisador alemão Leo Frobenius (1873 – 1938), na cidade de Ifé, 14 cabeças em terracota. As cabeças em estilo realista e de grande delicadeza e riqueza de detalhes foram, rapidamente, identificadas como “produto de uma colônia da Grécia antiga em plena floresta africana (...)” (idem).
- “As cabeças em barro mostram-se maravilhosamente acabadas. São de um realismo que pressupõe o retrato. Mas não é só isso o que as isola na arte subsaariana. Nesta há também uma vertente realista, que vem de bem longe e chega aos nossos dias (...) O que faz das esculturas de ifé ímpar na África negra são os cânones a que obedece esse realismo”. (idem).



Cabeça de Ifé, séculos XII a XV
Terracota, altura média de 19 cm
Coleção Leo Frobenius Museu Etnológico de Berlim



Sugestão de atividade:

- Contextualizar:

- a) País de onde vêm as peças apresentadas;
- b) como foram encontradas
- c) observação/ descrição;
- d) relação desse povo com a cultura do Brasil.

-Fazer:

- a) Construção de modelagens em argila como autorretratos.
- b) Cartazes informando o fato para colegas da escola.
- c) Apreciação dos resultados.



- As placas em relevo, feitas em latão estão entre as mais extraordinárias obras de arte do Reino do Benim.
- Técnica de fundição por cera perdida, largamente utilizada no continente africano antes do contato com os europeus: “a placa em relevo era modelada em cera; em seguida, este molde era revestido de argila para a fundição do metal. Após a fundição, o molde era quebrado” (p. JUNGE, 2004).
- O processo de fundição em bronze/ latão era conhecido antes do contato com os portugueses.
- As placas trazem representações de seres isolados, animais, pessoas. A maioria das que apresentam figuras humanas representam o “oba”, os chefes e seus séquitos, em visão frontal e postura rígida.

- É difícil mensurar em que medida as placas possuem caráter narrativo. Entretanto, em algumas cenas são narradas guerras vitoriosas com os povos vizinhos ao Reino do Benim: Ingala e Igbo.
- A forma artística é bastante variada: há relevos planos, mas também alguns em que as figuras sobressaem quase que inteiramente em relação ao fundo.
- Assim como na conceituação da arte egípcia, as figuras maiores são as mais importantes na representação da cena, um “oba” ou chefe guerreiro aparece maior do que seus acompanhantes.
- O latão era um material importado junto aos portugueses e que atingiu grande valorização. A fabricação das placas cessou no início do século XVIII.



Placa Comemorativa, séculos XVI e XVIII

Latão

Museu Britânico

Plaque
Brass; Benin, Nigeria, 16th century



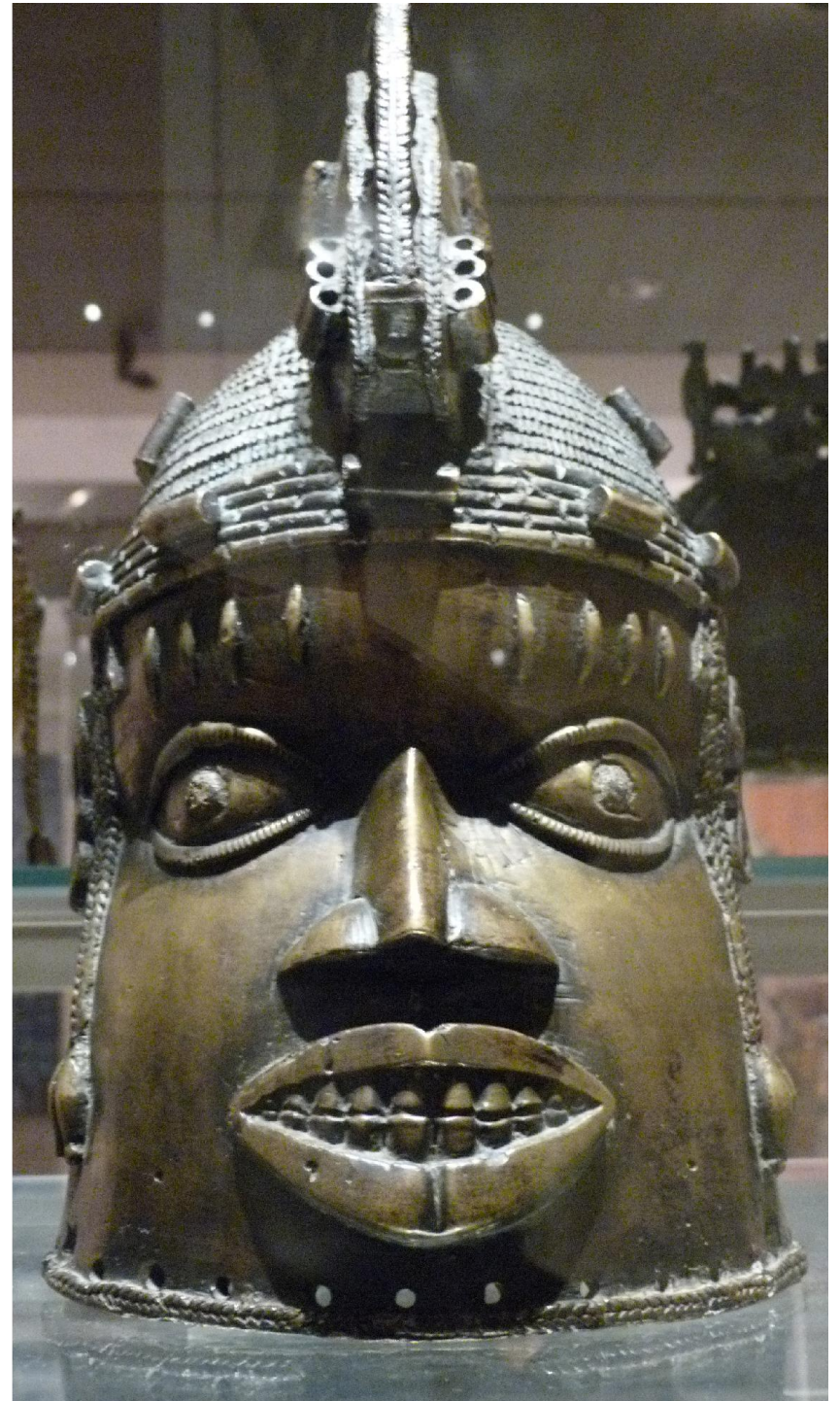
Sugestão de atividade:

- Contextualizar:

- a) País de onde vem as peças apresentadas;
- b) como foram produzidas;
- c) observação/ descrição;
- d) relação desse povo com a cultura do Brasil.

-Fazer:

- a) Placas de papelão ou outro material rígido.
- b) Colagem de elementos que se relacionem à biografia dos alunos.
- c) Desenho com figuras maiores e menos, conforme seu poder.
- d) Apreciação dos resultados.



- “A visão de mundo de culturas africanas não conhecia apenas o mundo terreno dos vivos. Em muitas delas existia a ideia de um além ou de um mundo paralelo, do qual as pessoas somente vêm por pouco tempo ao mundo terreno e ao qual retornam depois de sua morte. As relações entre os dois mundos são estreitas e multiformes. Muitas obras de arte assinalam a interface entre esses mundos” (P. JUNGE, 2004).
- As máscaras isoladas não fazem sentido, pois se vivificam a partir de um conjunto maior de expressões: mascarado/ dançarino, figurino, dança, música, público e cerimônia. Todos estes elementos juntos compõem uma performance.
- As máscaras, bem como outros objetos, têm a função de manter os dois mundos em equilíbrio.

- “As estátuas de gêmeos dos Yorubas representam uma situação especial, na qual uma alma oscila entre esses dois mundos. Quando um gêmeo morre, existe o perigo de que a alma gêmea retorne ao mundo dos mortos e cause também a morte do irmão sobrevivente. Para evitar isso, se dá à alma, na estátua de gêmeo, um lugar que a vincule ao mundo dos vivos ” (P. JUNGE, 2004).
- As estátuas Ibeji, sempre em dupla por representarem os gêmeos, foram associadas pelos portugueses aos santos São Cosme e São Damião como forma de extinguir o culto que eles consideravam profano.
- As estátuas dos santos médicos que eram representados como adultos diminuíram de tamanho e se tornaram crianças numa clara manifestação de transculturação.

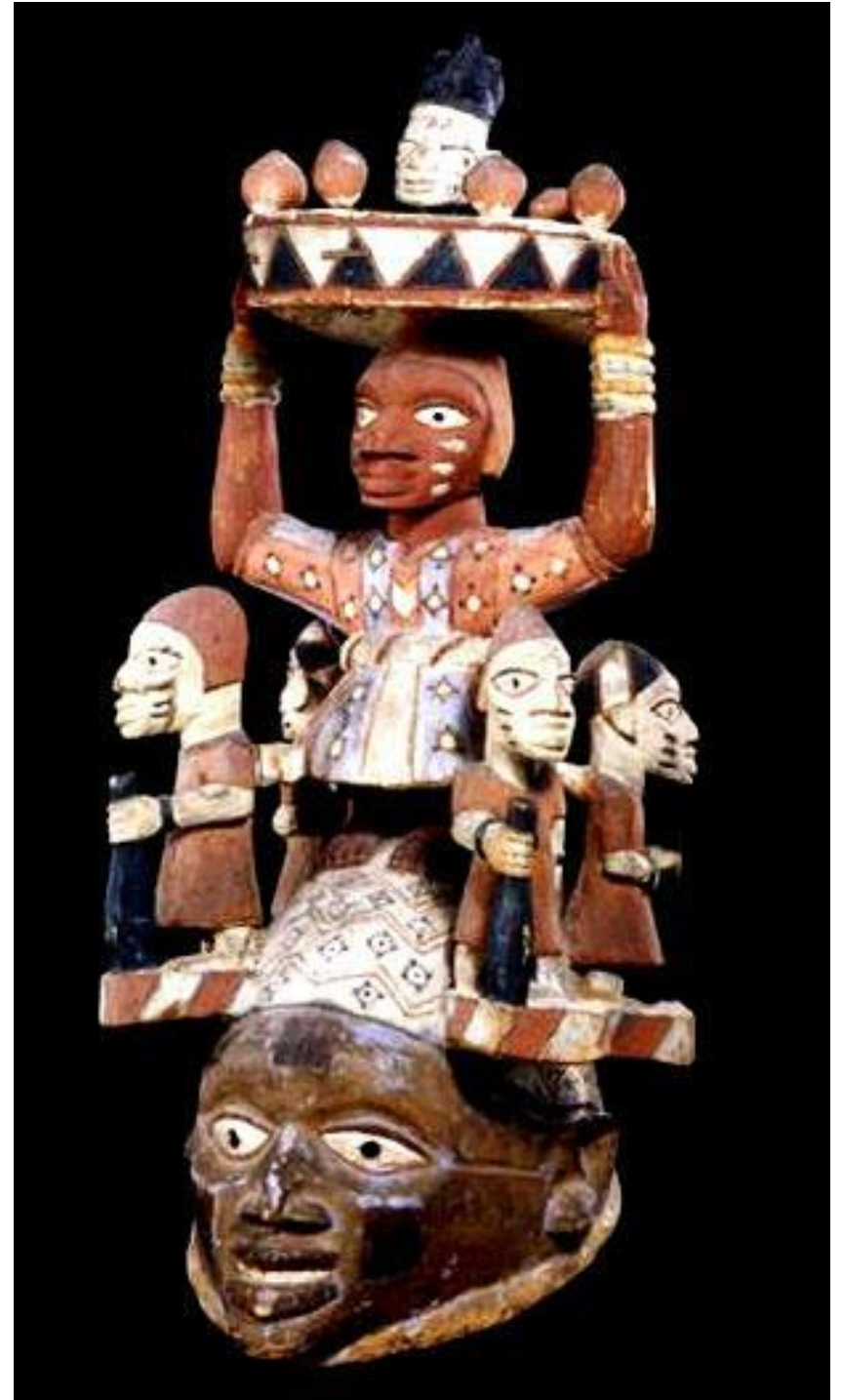
- As máscaras africanas chegam à Europa a partir de um grande intercâmbio econômico de fins do século XIX, leia-se também colonização dos países africanos.
- A arte tradicional, tornou-se, praticamente uma arte voltada aos “turistas”, desconectada de seus princípios. Hoje essa produção é chamada de “arte de aeroporto”.
- “A descoberta da arte negra teve um impacto sobre a arte europeia semelhante ao da revolução da cultura grega na antemanhã do Renascimento.” (P. JUNGE, 2004).
- A quantidade de estilos foi o que maravilhou os artistas europeus, bem como as soluções estéticas.
- “Seus desfiles são formas de manifestações de sistemas distintos de educação, ensino, entretenimento, integração social, incluindo as funções judicial e punitiva e o exercício e regulação do poder político”. (P. JUNGE, 2004).



“Les Demoiselles D’Avignon”, 1907, óleo sobre tela de Pablo Picasso.
Máscara etnia Fang, Gabão, século XIX, madeira policromada.



“Máscaras Geledés”, madeira policromada,
sem data
Ensino e entretenimento.





“Ibeji “entre os Yorubas e “Hoho” entre os Fon, madeira policromada, sem data.

Sugestão de atividade:

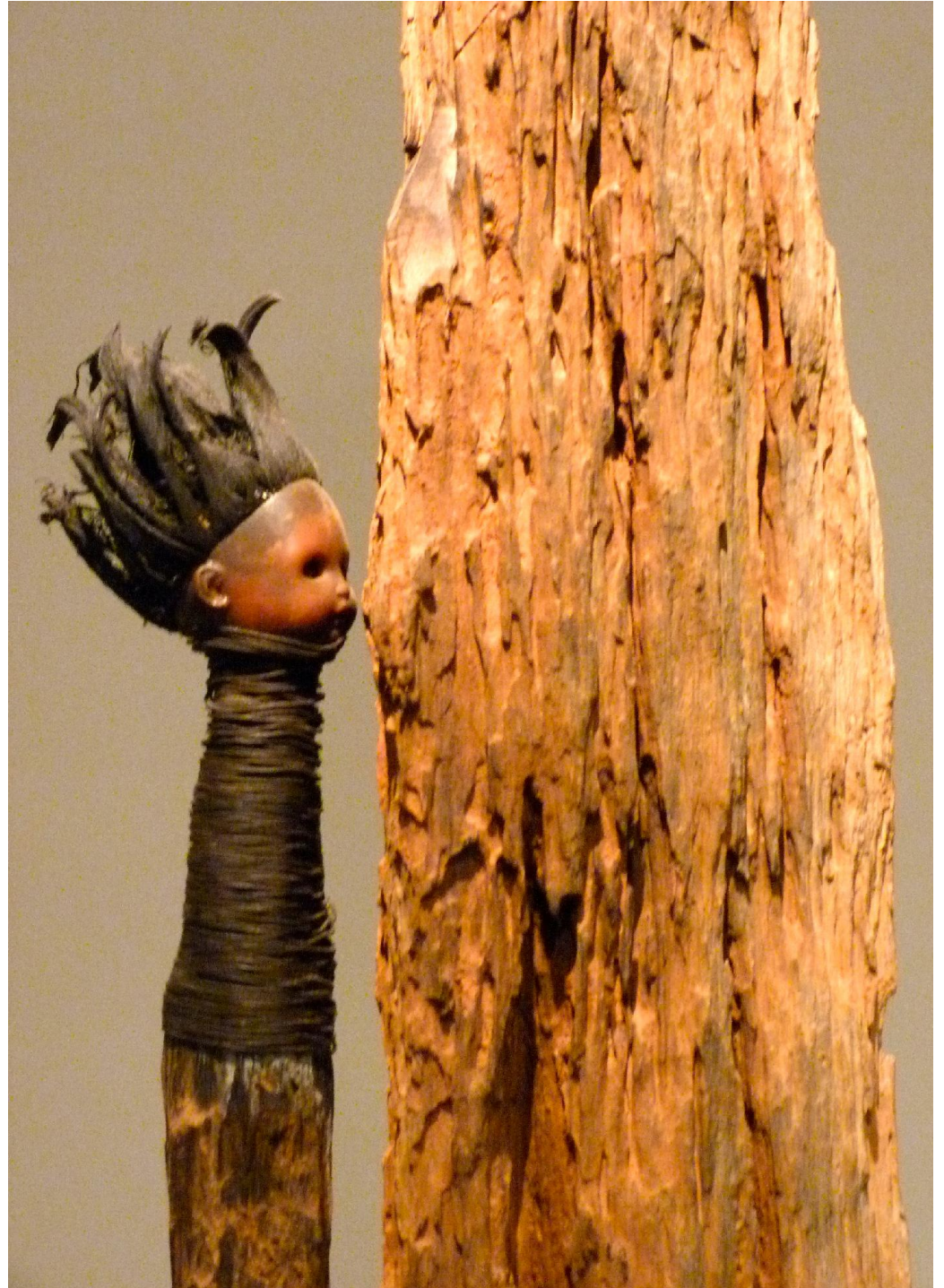
- Contextualizar:
 - a) Escolher máscaras pesquisando seus usos e países de origem.
 - b) Apresentar um pequeno vídeo de mascarado se possível – youtube (african masquerade dancer).
- Fazer:
 - a) Sortear virtudes e propor que cada aluno (a) crie uma máscara que materialize a mesma.
 - b) Pesquisar e apresentar informações acerca de máscaras/ estuetas.



São Cosme e São Damião já sincretizados com os Ibejis, observar a distribuição de doces em 26 de setembro.

- Os reis do Abomey escolheram emblemas, uma forma de escrita que traduzia seus votos ou filosofia, que praticavam ao longo de seu reinado.
- Esses emblemas estão relacionados à ideia de ancestralidade, ao culto dos antepassados com uma importância dentro da hierarquia organizacional.
- Abomey é a antiga capital do reino de Daomé, reconhecido pelos europeus como reino por volta de XVII.
- Os palácios de Daomé construídos pela etnia fon são considerados Patrimônios da Humanidade pela UNESCO e foram erigidos em argila.
- Os emblemas são animais que podem ser relacionados aos reis, mas também há objetos que os representam, objetos que eles carregavam consigo, como cetros, chapéus etc.

Artistas contemporâneos africanos



Cyprien Tokoudagba (1939)

- Nascido em Abomey, Benim, local onde vive e trabalha.
- Pratica diversas atividades artísticas como pintura e escultura. Também é restaurador no Museu Nacional de Arte de Abomey, onde mantém contato com as tradições artísticas de sua terra.
- Tem trabalhado com decorações em templos de cultos aos voduns, deuses cultuados pelo povo fon.
- Os emblemas dos reis de Abomey é outro assunto que lhe é interessante. Suas pinturas e esculturas já estiveram presentes em importantes exposições internacionais, como a “Mágicos da Terra”, organizada no Centro Georges Pompidou em 1989.



“Tohossou - Avlekete”, sem data
Acrílica sobre tela



“Aganaton”, 2006
Acrílica sobre tela

Sugestão de atividade:

- Contextualizar:
 - a) País de onde vem as peças de apresentadas;
 - b) Biografia do artista;
 - c) observação/ descrição;
 - d) relação desse povo com a cultura do Brasil.
- Fazer:
 - a) Relacionar as imagens que se remetem aos voduns aos orixás do panteão iorubano.
 - b) Relacionar os orixás aos deuses de outros povos, tais quais os gregos. Equalizar mitologias.



Esther Mahlangu(1935)

- Nascida na África do Sul, na etnia Ndebele que remonta ao século XVI, é colorista e pintora.
- Ainda que atualmente seja uma artista reconhecida internacionalmente tendo colaborado com grandes marcas/ grifes, ela vive muito próxima de sua aldeia.
- Mulher de poucas palavras, começou a pintar aos dez anos de idade com professores que ensinaram sua mãe e vó.
- Mais do que um labor, diz que a pintura traz felicidade à sua vida.
- Esse tipo de pintura é característico de um ritual de iniciação masculino da etnia Ndebele, onde as casa devem ser pintadas interna e externamente exclusivamente pelas mulheres para chegada do jovem.
- Possui uma escola de arte onde ensina este ofício .



Esterco de vaca e giz são empregados como materiais nestas composições.



Sugestão de atividade:

- Contextualizar:

- a) País de onde vem a artista;
- b) Biografia do artista;
- c) observação/ descrição;
- d) relação desse povo com a cultura do Brasil.

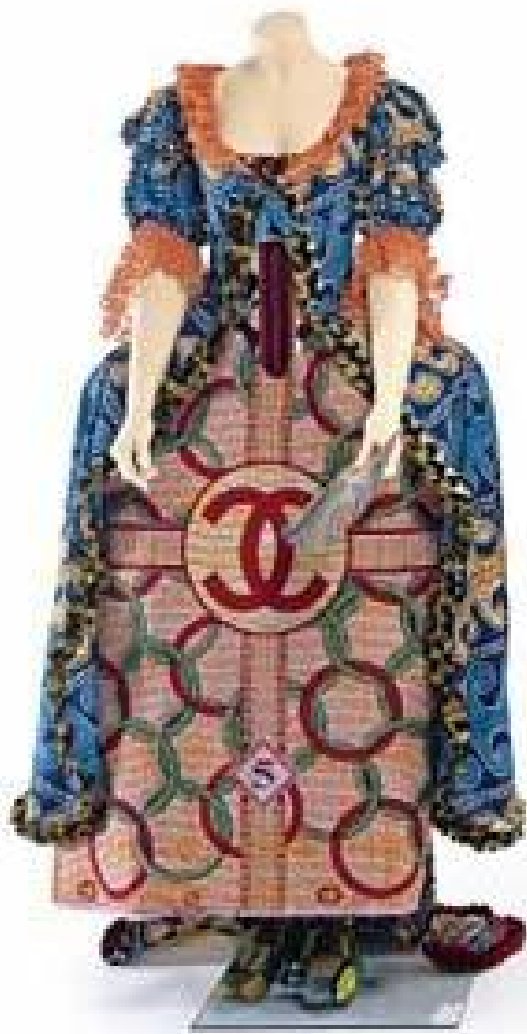
-Fazer:

- a) Pequeno mural geométrico, seja diretamente na parede, seja em um papel maior que reveste a parede.
- b) Discutir o tradicional e o contemporâneo. Ver a artista ao redor do mundo.



Yinka Shonibare (1962)

- Nascido em Londres, Inglaterra. Com três anos de idade mudou-se para Lagos, Nigéria.
- Retornou para Inglaterra para estudar artes, onde graduou-se e realizou mestrado. Participou da exposição “Young British Artists” que lhe rendeu reconhecimento.
- Em suas obras explora o colonialismo e o pós-colonialismo, especialmente focando o período vitoriano, que corresponde à regência da Rainha Victória (1819 – 1901), ver expedições punitivas inglesas, final do século XIX.
- Desenvolve obras sobre os temas classe e raça a partir da pintura, da performance, do filme pensando numa possível reconstrução e diálogo histórico entre Europa e África considerando os contextos políticos e econômicos de ambos os continentes.



Sugestão de atividade:

- Contextualizar:

- a) País de onde vem o artista e sua relação com África;
- b) observação/ descrição;
- c) relação desse povo com a cultura do Brasil.

-Fazer:

- a) Ver a influência das vestimentas europeias em vestimentas consideradas típicas, como o traje da baiana, ou ainda, as roupas usadas no Candomblé ou Maracatu.
- b) Desenhar, representar ou discutir imagens.



Romuald Hazoumé (1962)

- Nascido no Benin, na África Ocidental.
- Em meados de 1980, o artista passou a realizar uma série de máscaras feitas com galões descartados de gasolina.
- Seu trabalho mais importante “La Bouche du Roi” (A boca do rei), de 2007/2008, passou por diversos museus ingleses e trata do comércio transatlântico de pessoas.
- Ao mesmo tempo em que trata do universo do consumo, das empresas do neocolonialismo dentre outras problemáticas relacionadas à colonização e à independência dos países africanos.



“A boca do rei”, 2007

Instalação com materiais recicláveis



“Meu governante”, 1997

Instalação com materiais recicláveis

Sugestão de atividade:

- Contextualizar:

a) País de onde vem o artista;

b) Biografia do artista;

c) observação/ descrição;

-Fazer:

a) Montagem de máscaras com materiais recicláveis.

b) Opção 2: montagem de máscaras com papéis coloridos recortados.

c) Excelente oportunidade para montar um sucatório.

d) Apreciação.



Referências bibliográficas

- Africa Remix (catálogo de exposição). Paris: Centre Pompidou, 2005.
- ABDALLA, Antonio Carlos. IN: Heitor dos Prazeres: um pierrô apaixonado na BM&F. (catálogo de exposição). São Paulo: Espaço Cultural BM&F Brasil, 03 de fev a 18 de mar de 2005.
- DEMPSEY, Amy. Estilos, escolas e movimentos. Tradução: Carlos Eugênio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- ENWEZOR, Okwui. OKEKE-AGULU, Chika. Contemporary African Art Since 1980. Bologna: Damiani, 2009.
- FISCHER, Ernst. A necessidade da arte. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- JOLIE, André. Benin está vivo ainda lá (catálogo de exposição). São Paulo: Museu Afro Brasil, 2008.
- JUNGE, Peter. Arte da África (catálogo de exposição). São Paulo: Centro Cultural Banco do Brasil, 2004.
- LEITE. José Teixeira Leite. Pintores negros do oitocentos. São Paulo: MWM-IFK, 1988.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes. A travessia da kalunga grande: três séculos de imagens sobre o negro no Brasil (1637-1899). São Paulo: Edusp, 2000.